

PSICANÁLISE

Marina Bialer

Psicologia das multidões digitais

As fake news na pandemia

Blucher

PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES DIGITAIS

As fake news na pandemia

Marina Bialer

Psicologia das multidões digitais: as fake news na pandemia

© 2024 Marina Bialer

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Helena Miranda

Preparação de texto Ariana Corrêa

Diagramação Roberta Pereira de Paula

Revisão de texto Juliana Moraes

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bialer, Marina

Psicologia das multidões digitais : as fake
news na pandemia / Marina Bialer. –
São Paulo : Blucher, 2024.
372 p. : il.

ISBN 978-85-212-2149-4

1. Fake news 2. Veracidade e falsidade
3. Pandemia – Fake news I. Título

23-5799

CDD 302.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Fake News

Conteúdo

Apresentação	17
Introdução	23
1. A psicologia das massas	29
2. Impactos dos algoritmos na psicologia das massas	113
3. Narrativas da covid-19 – Uma pandemia de fake news?	153
4. Narrativas alternativas	187
5. Psicologia das massas & multidões digitais	235
6. Apontamentos finais	295
Referências	303
Apêndice	321

1. A psicologia das massas

A psicologia das multidões em Le Bon

Mas afinal, o que é psicologia das massas? E por que falar em psicologia das massas digitais ou das multidões? Uma das principais teses que desenvolvo neste livro é a de que estudar a psicologia das massas nos tempos atuais abrange investigar fenômenos contemporâneos como o ódio digital e o espalhamento das fake news, para o que me parece indispensável estudar a estrutura das redes digitais. Proponho começarmos essa discussão retomando os fundamentos da psicologia das massas & multidões de modo a melhor delimitarmos nosso campo de investigação.

O clássico *Psicologia das multidões*, de Le Bon (1895/2018), é um dos principais pilares para a construção da psicologia freudiana das massas. Na teorização leboniana, a era das multidões é um retrato da mudança da civilização decorrente da destruição ou do enfraquecimento das crenças (religiosas, sociais e políticas) e do fortalecimento das ciências modernas e da indústria. É nesse

cenário de instabilidade de lugares e de caos, que Le Bon enfocará o deslocamento do poder centrado no Estado para o poder da multidão. É, assim, procurando escutar a voz do povo em um período de transformação, que o autor situará a psicologia das multidões como um elemento-chave para a investigação e compreensão de sua época.

Essa concepção de Le Bon é influenciada por uma posição dicotômica entre indivíduo e sociedade, e em muito impactada pelo clima de temor diante de movimentos de rebelião do povo. É para abranger certo clima social e pavor diante do povo em revolta que surge o ímpeto de conceitualizar as multidões (Penna, 2014). A relação indivíduo-sociedade, eu-nós, está sempre em movimento, mudando, aberta a transformações nos diferentes períodos históricos. Le Bon se dedica justamente a teorizar a multidão em um momento histórico, em que essa modalidade de agrupamento ganha relevância. Ou seja, antes podia haver o equivalente a grandes aglomerações, mas é a partir desse momento que as multidões são criadas conceitualmente, relacionadas à industrialização e ao crescimento da cidade.

A inquietação diante do proletariado, do que poderia ser feito irracionalmente por ele e quão incontrolável era (Penna, 2014) se articula à valorização social de uma maior contenção dos impulsos perante o temor do selvagem e do irracional. Aliás, em algumas passagens, a descrição de Le Bon ganha ares catastróficos quando aventa o medo diante do destino da era das multidões: movidas sem razão e sem a condução do governante da aristocracia, a multidão caminharia para a desordem e a destruição. É nesse contexto, que podemos notar como o lugar do líder ganha relevância: Le Bon (2018) acentua, com pertinência, que grandes líderes como Napoleão eram sagazes psicólogos da alma da multidão.

Em sentido comum, a palavra multidão representa uma reunião de indivíduos quaisquer, independentemente de sua nacionalidade, sua profissão ou seu sexo, independentemente também dos acasos que os aproximam.

Do ponto de vista psicológico, a expressão multidão adquire um significado totalmente diverso. Em certas circunstâncias específicas, e somente nessas circunstâncias, uma aglomeração de homens possui características novas muito diferentes daquelas de cada indivíduo que a compõe. A personalidade consciente desaparece, os sentimentos e as ideias de todas as unidades orientam-se numa mesma direção. Forma-se uma alma coletiva, sem dúvida transitória, mas que apresenta características muito nítidas. A coletividade torna-se então o que, na falta de uma expressão melhor, eu chamaria uma multidão organizada ou, se preferirmos, uma multidão psicológica. Ela forma um único ser e encontra-se submetida à lei da unidade mental das multidões. (p. 29, grifo do autor)

A linha disruptiva entre mentalidade individual-multidão, será atenuada ou mesmo apagada por outros teóricos da massa. No entanto, em Le Bon, há uma ênfase significativa nessa distinção, da multidão que se assemelha à selvageria, ao primitivo, à impulsividade instintual que o homem abandonou, ao longo do processo civilizatório, e que ressurgiu revigorado tão somente quando o homem forma massa.

É digno de nota que Le Bon já observara que não era preciso que os indivíduos estivessem juntos no mesmo local para que os

homens formassem a multidão psicológica. A condição para a formação desse estado psíquico coletivo era uma reunião de pessoas que, levadas pelo inconsciente, agem, sentem, pensam de modo diferente de como faziam individualmente. Na teoria leboniana, quando há uma reunião sem coesão e sem as características supracitadas, trata-se de uma aglomeração.

É determinante para a formação da multidão o surgimento de novos traços comuns a todos, o que ancora a alma coletiva. Isso faz com que se deixe de lado o bom senso, tomando atitudes insensatas, acreditando em ideias absurdas. Assim, o indivíduo é acometido pelo sentimento de ser invencível, irresponsável, enquanto a personalidade individual é dissolvida no anonimato da multidão. Na multidão prevalece a instabilidade: a labilidade de humor que faz com que, em rompantes, a multidão possa expressar os mais diversos sentimentos, ações contraditórias sem premeditação, sendo marcante um contínuo furor.

A multidão não é somente impulsiva e instável. Como o selvagem, não admite obstáculo entre seu desejo e a realização desse desejo, ainda mais que o número lhe proporciona uma sensação de poder irresistível. Para o indivíduo na multidão, a noção de impossibilidade desaparece. O homem isolado reconhece que sozinho não pode incendiar um palácio, pilhar uma loja; portanto, essa tentação não se lhe apresenta ao espírito. Ao fazer parte de uma multidão, toma consciência do poder que o número lhe confere e, diante da primeira sugestão de assassinato e pilhagem, cederá imediatamente. Qualquer obstáculo inesperado será freneticamente rompido. (Le Bon, 1895/2018, p. 41)

O funcionamento da multidão é, em grande medida, determinado por um modo de contágio mental (não exige que os indivíduos estejam geograficamente próximos), e faz com que se propague rapidamente afetos e comportamentos. Um dos efeitos desse contágio se faz evidente na sugestionabilidade da massa, apta a obedecer impetuosamente ao outro como se estivesse hipnotizada. Há um efeito de retroalimentação, pois um membro da multidão sugere o outro e vice-versa, aumentando o efeito da sugestão, estimulando a rápida precipitação em atos de sentimentos e ideias (alheia ao espírito crítico e à razão).

Aqui, a multidão mostra toda sua faceta impressionável diante de oradores que recorrem à repetição e ao contágio para respaldarem suas afirmações, sem qualquer cuidado em comprová-las de modo racional:

quanto mais concisa, desprovida de provas e de demonstração for a afirmação, mais autoridade ela terá (...); “a coisa repetida acaba por se incrustar nas regiões profundas do inconsciente onde as motivações de nossas ações são elaboradas. Ao cabo de algum tempo, esquecendo quem é o autor da asserção repetida, acabamos por acreditar nela. (Le Bon, 1895/2018, p. 117)

A imagem ofertada pelo líder é fascinante para a multidão, mas o que se mostra crucial é a capacidade do líder de afetar a multidão pelo discurso. Dessa perspectiva, o papel daquele que ocupa o lugar de mestre da multidão é iludir, “criar a fé, quer se trate de fé religiosa, política ou social, de fé numa obra, numa pessoa ou numa ideia, é esse sobretudo o papel dos grandes líderes” (Le Bon, 1895/2018, p. 113).

Mais do que um ideal em comum, Le Bon realça o desejo da multidão de se submeter a um líder e de ser conduzida cegamente: a multidão é assim movida pela própria atração, pelo despotismo e autoritarismo do líder.

A sugestibilidade extrema predis põe a multidão aos maiores absurdos. Assim, uma “credulidade excessiva” (Le Bon, 1895/2018, p. 41) faz com que se aceitem certas narrativas como verdades e ideias como dogmas – que serão obedecidas cegamente –, como ocorre muitas vezes em relação ao credo religioso, por exemplo, na reverência aos mandamentos, na necessidade de se realizar certos rituais. Essa crença pode levar tanto a intensos sacrifícios e atos de heroísmo quanto a atos criminosos: ambos são propiciados pelo contágio, por crenças, muitas vezes ilógicas, e não por decisões individuais que tenham passado pelo senso crítico.

Os sentimentos, bons ou maus, manifestados pela multidão, apresentam a dupla característica de serem muito simples e muito exagerados. Sob esse aspecto, como sob tantos outros, o indivíduo em multidão aproxima-se dos seres primitivos. Insensível às nuances, vê todas as coisas em bloco e não conhece as transições. Na multidão, o exagero de um sentimento é fortalecido pelo fato de que, propagando-se muito rapidamente mediante sugestão e contágio, a aprovação de que se torna objeto aumenta sua força consideravelmente. (Le Bon, 1895/2018, p. 51)

Movida por paixões e ódios, a multidão atua, cega perante os dogmas que incorporou, obedecendo a seus líderes/ídolos/crenças, considerando inimigo qualquer um que divirja da alma coletiva. É assim que o indivíduo, imbuído do sentimento de poder, de

invencibilidade, de anonimato, de fazer parte do ser-multidão, é tomado por intensos ódios que rapidamente se transformam em atos, com o sentimento de impunidade e de falta de responsabilidade. E é o estudo dessa psicologia da multidão, desse ser coletivo, e da questão de quanto e como se difere do individual, que levou vários intelectuais, depois de Le Bon, a se dedicarem ao tema, avançando as contribuições lebonianas.

A psicologia freudiana das massas

Cem anos depois da publicação de *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020), o texto voltou ao centro de vários debates¹ do campo psicanalítico. No Brasil, 2021 era o auge da pandemia, do negacionismo e do bolsonarismo, e, mais do que nunca, parecia imprescindível compreender a psicologia das massas e das multidões para pensar os fenômenos sociais contemporâneos.

Mas antes de adentrar as questões pandêmicas e pandemônicas, proponho revisitarmos como se deu a teorização freudiana. Em uma época de ascensão dos totalitarismos, Freud retoma Le Bon e como ele elaborou a maneira como os homens fazem multidão: uma perspectiva conservadora que teoriza esses agrupamentos sociais como volúveis, suscetíveis, perigosos, irracionais,

¹ Cf. Fuks, B. B. (2021, nov. 15). *Psicologia das massas e análise do eu em outros tempos sombrios*. [Vídeo]. YouTube.

regredidos, sem autonomia, desejosos de submissão pela figura autoritária do líder (Ab'Saber, 2021).

Na apropriação por Freud da teoria leboniana, há a passagem do conceito de multidão para o de massa, o que é de extrema relevância para a construção da teorização freudiana. Mais do que uma mera opção de tradução, Penna (2014) frisa o papel não só de Freud, mas também da Escola de Frankfurt e da teoria marxista num novo enfoque no estudo do comportamento das multidões, com destaque para o papel da liderança e a importância de controlar e dominar as massas. Não que não houvesse essa busca de controle em *Le Bon* – a própria Carla Penna salienta a posição conservadora do autor e como ele teorizava o temor da elite perante o povo, o proletariado, e quanto sua psicologia da multidão vai no sentido de tentar compreendê-la para melhor gerir e impedir sua selvageria, seu descontrole. Para avançarmos nessa linha investigativa, precisamos ter em mente que é a partir do conhecimento do inconsciente da psicologia da multidão que líderes – inclusive os totalitários – obtinham uma nova expertise de como melhor seduzir e controlar. Enquanto de um lado a obra de *Le Bon* influenciou vários líderes democratas, de outro, também teve grande impacto tanto para Mussolini quanto para Hitler (Penna, 2014).

É nesse cenário político-social que a atenção se centra na massa organizada em torno da figura do líder: a massa o toma como ideal, e é manipulada e controlada por ele; deixa-se seduzir pelo seu carisma e o obedece acriticamente. A modalidade de multidão aqui não é mais tanto aquela feroz, fora de controle, mas a da multidão que se submete, escraviza-se voluntariamente, cega diante de seu líder. E, nesse cenário, é preciso considerar a mudança produzida pelos desdobramentos dos nacionalismos que culminaram nas duas guerras mundiais e nos genocídios em massa (Penna, 2014).

Embora Freud reconheça na multidão várias das características descritas por Le Bon,

a partir da ótica freudiana, as massas passaram a ser peças fundamentais na constituição dos laços sociais, sendo o berço das transformações narcísicas exigidas para a vida em civilização e tendo o líder como seu condutor e principal fator agregador. (Penna, 2014, p. 196)

Um dos pilares da teoria freudiana das massas é a tese de que toda psicologia é psicologia social. Ao contrário de Le Bon, Freud não enxerga a distinção entre o psiquismo coletivo e o individual como tão radical. Assim, recorrendo ao conceitual psicanalítico, a ênfase freudiana será nos fatores inconscientes determinantes das massas. Ao comentar a obra leboniana, Freud realça algumas questões cruciais abordadas no texto original: quais alterações psíquicas são impostas para que o indivíduo faça parte da massa psicológica?; o que é uma massa?; e como uma massa pode influenciar desse modo tão decisivo o psiquismo individual?

Em *Psicologia das massas e análise do Eu*, Freud apresenta, de modo minucioso, a conceituação leboniana das multidões. Propõe, a seguir, abordar como essa leitura de multidão se articula na teorização freudiana. Freud (1921/2020) reproduz Le Bon:

O fato mais notável apresentado por uma massa psicológica é o seguinte: não importa quem sejam os indivíduos que a compõem, se seu modo de vida, sua ocupação, seu caráter ou sua inteligência sejam semelhantes ou dessemelhantes, o simples fato de que eles sejam transformados em massa os dota de uma espécie de alma coletiva. Essa alma os faz sentir, pensar e agir de uma

maneira completamente diferente de como cada um deles sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos só surgem ou só se convertem em atos nos indivíduos ligados à massa. (p. 140)

O texto freudiano continua a exposição da teoria leboniana: “a massa é impulsiva, mutável e excitável. Ela é guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente . . . A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é acrítica, o improvável não existe para ela” (Freud, 1921/2020, p. 146). Há um enfraquecimento da racionalidade, da individualidade, das inibições, paralelo ao desaparecimento da consciência moral e do sentimento de responsabilidade. Em contrapartida, ganham força os processos inconscientes – a selvageria primitiva, o sentimento de ser invencível, onipotente – e uma homogeneização grupal na massa anônima. De acordo com Freud (1921/2020), “Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. A massa não conhece, portanto, nem a dúvida nem a incerteza” (p. 147). A ilusão é um dos principais alicerces da massa: “as massas nunca conheceram a sede pela verdade. Elas exigem ilusões, a que não podem renunciar. Para elas, o irreal sempre predomina sobre o real; o inverídico as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro” (Freud, 1921/2020, p. 150).

Freud segue reproduzindo trechos do livro de Le Bon, tentando caracterizar esse estado psicológico em que rapidamente se criam certezas, que por sua vez podem desembocar em fortes paixões e ódios inexplicáveis. É nesse estado psicológico, em que a massa é altamente sugestionável, que ela é mais facilmente impactada por ideias sem qualquer racionalidade, desde que apresentadas com uma retórica específica, com argumentos simples, exagerados e repetitivos, e com uma estética que evoque emoções fortes.

Um ponto em que Freud insiste fazer uma diferenciação que não existe no texto de Le Bon é em relação ao contágio e à sugestão, ambos articulados ao estado hipnotizado no qual permanece o indivíduo quando faz parte de uma massa, um no eixo horizontal e outro no vertical.

o contágio e a alta sugestionabilidade, não são evidentemente da mesma natureza, pois o contágio parece ser uma entre as manifestações da sugestionabilidade . . . Talvez possamos interpretar melhor a sua declaração [de Le Bon] se relacionarmos o contágio com o efeito que cada um dos membros da massa exerce sobre os outros, enquanto os fenômenos de sugestão na massa, equiparados aos fenômenos da influência hipnótica, remetem a outra fonte. Mas que fonte?. (Freud, 1921/2020, p. 145)

A resposta a essa indagação será um dos pilares da teorização freudiana da psicologia das massas: o líder, que exerce uma influência similar ao hipnotizador. De outra parte, outro aspecto assinalado por Le Bon – acerca da sugestão em grupo e quanto ela é potencializada pelo efeito contagioso dentre membros – será destacado por Freud, que identifica, assim, como a sugestão é reforçada. No trecho reproduzido a seguir, em que Freud retoma Le Bon, podemos notar como Freud esboça paulatinamente a teorização de um lugar de exceção que será ocupado pelo líder (Penna, 2014).

Como a massa não tem dúvidas sobre o que é verdadeiro ou falso, e ao mesmo tempo tem consciência de sua grande força, ela é tanto intolerante quanto crente na autoridade. Ela respeita a força e só se deixa influenciar

moderadamente pela bondade, que, para ela, significa uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é a força, até mesmo a violência. Ela quer ser dominada e reprimida e temer seu mestre. No fundo inteiramente conservadora, ela tem uma profunda aversão por todas as inovações e progresso e um respeito ilimitado pela tradição. (Freud, 1921/2020, p. 148)

Trata-se de uma teoria da psicologia das massas pensada em uma época marcada pelo fortalecimento de movimentos totalitários, do fascismo, do nazismo, e que tenta compreender o que leva a massa a se submeter cegamente ao líder e a realizar atrocidades em nome de ideais da massa. Para avançar os dilemas de seu tempo, Freud se debruça justamente sobre como os indivíduos obedecem ao líder, que ocupa o lugar de um ideal, e em nome do qual realizam as ações mais violentas ou as mais altruístas e nobres.² É novamente recorrendo a Le Bon que o pai da psicanálise reforça o impulso de servidão da massa: “a massa é um rebanho obediente, que nunca saberia viver sem um senhor. Ela tem uma tal sede de obedecer que se submete instintivamente a qualquer um que se designe seu senhor” (Freud, 1921/2020, p. 150).

Embora tanto Le Bon quanto Freud assinalem uma sede de submissão ao outro, em Freud são especificadas, progressivamente, algumas características que tornariam alguém mais propício a se tornar o líder da massa. Ou seja, se haveria por parte da massa uma propensão a se submeter ao líder, alguém para ser reconhecido como líder deveria ter algumas características que favoreceriam sua força de dominação, seu poder de admiração. Haveria o

² Muito brevemente Freud caracteriza a massa como lugar da linguagem, da criação da música popular, da narrativa folclórica, assinalando uma massa que não é somente temida, mas fonte de grandes criações.

estrato da influência sugestiva que faz com que os membros do grupo se influenciem reciprocamente, induzindo certos afetos em comum, e haveria o estrato do prestígio/fascínio do líder enquanto elemento central da psicologia das massas. Para elucidar essa dinâmica psíquica, Freud se utiliza de sua conceituação da libido: é por amor que a massa se submete ao líder e que se deixa sugerir pelos outros.

Freud se interessa pelo modo de funcionamento em aglomerados sociais (massas), cuja estruturação interna é centrada no vínculo libidinal vertical de amor em torno do líder. O líder, amado e que amaria a todos os membros do grupo, é elemento central, pois os iludidos se identificam entre si no eixo horizontal, alicerçados na ilusão de que todos são amados igualmente (Penna, 2014). Assim ocorre uma homogeneização grupal, uma indiferenciação dos membros em torno de um ideal, do líder, e da ilusão que os conecta uns aos outros e em torno desse ideal. Nesse novo prisma, as massas são concebidas como importantes atores sociais civilizatórios que favorecem laços amorosos com o líder, a união coletiva em torno de ideais comuns, a limitação das gratificações impulsivas em nome desses ideais e dos laços identificatórios (Penna, 2014).

Todavia, se de um lado são os laços, horizontal e vertical, que em grande parte restringem a liberdade do indivíduo no coletivo, de outro, se a massa se desintegra, surge o pânico, um medo desorganizador em situações antes enfrentadas sem qualquer receio. Assim, essa ilusão e o vínculo grupal protegem a massa de seu próprio desamparo: porque sem ela o indivíduo se sente mais desprotegido diante dos perigos que deve enfrentar sozinho.

Após essas análises centradas em Le Bon, Freud recorre brevemente a outro teórico – McDougall – para pensar as massas mais organizadas e diferenciá-las de multidões que não teriam nenhuma organização. No entanto, Freud comenta que o próprio autor

constatou que para que as pessoas se agrupassem era preciso que houvesse algo em comum ou uma certa afetividade compartilhada, o que tornaria os membros, em ambos os casos, suscetíveis de se influenciarem mutuamente e de se dissolverem na massa. Esses elementos favoreceriam uma homogeneidade que poderia ancorar a alma da massa. Nesse sentido,

teríamos de partir da constatação de que uma simples multidão de seres humanos ainda não é nenhuma massa enquanto aquelas ligações não tiverem se estabelecido nela, mas teríamos de admitir que em qualquer multidão de seres humanos manifesta-se com facilidade a tendência à formação de uma massa psicológica. (Freud, 1921/2020, pp. 172-173)

É nesse momento que Freud diferencia modalidades opostas de massa segundo a formação: primitivas e estruturadas; efêmeras e duradouras; homogêneas e não homogêneas; sem líder e com líder; naturais e artificiais. Essa última modalidade de massa é a que será mais longamente tematizada, abordando especialmente Igreja e Exército como modalidades de massas artificiais duradouras e altamente organizadas. A coação externa é o que assegura que uma massa artificial não seja dissolvida, e é essa força que restringe ou inibe mudanças na estrutura desse tipo de coletivo. Isso dá origem a uma pressão social, mesmo uma perseguição contra qualquer um que queira sair dessa massa ou que queira alterá-la. Assim, nota-se como Freud se aproxima cada vez mais de massas em que os membros se fusionam de forma mais homogênea, porque nelas é ainda mais evidente o lugar do líder: Cristo e o general/chefe do exército. Pela ilusão de que todos são amados igualmente, o vínculo libidinal vertical de amor ao líder e pelo líder se torna um elemento-chave da massa. O laço vertical e o horizontal dependem

dessa ilusão amorosa ancorada na figura do líder como substituto paterno: pelo amor de Cristo e pelo chefe no Exército que todos se mantêm ligados, sendo que o vínculo libidinal, o amor que os une, é inconsciente.

Vale notar que Freud explicita que a perda do líder não é necessariamente por sua morte ou remoção, pode ser pela perda de confiança em sua autoridade. Além de articular o que faz uma massa se desintegrar, Freud conclui que as massas podem se formar sem um líder quando uma ideia substitui o lugar desocupado/ausente de liderança. O ódio contra o outro – não membro do grupo, outra instituição ou uma pessoa – também poderia ser um pilar da massa, um elemento que assegura sua coesão, com efeito unificante de ligação libidinal entre seus membros. É ainda ao ódio que Freud dá um papel de relevância quando comenta tanto a tendência ambivalente de amor-ódio em relações com pessoas próximas, queridas, quanto a aversão e repulsa à aproximação de estranhos. É justamente pelo deslocamento desse ódio para fora, quando o homem forma massa, que essa aversão ao outro desaparece dentro da massa: todos se igualam, dando origem à massa homogênea.

Para pensar qual o tipo de ligação que une amorosamente os membros da massa, Freud recorre à conceituação da identificação como um mecanismo de ligação afetiva que mantém a massa coesa. A identificação será então teorizada como um dos principais pilares da formação de grupos: os membros do grupo se identificam com um líder que é colocado no lugar de Ideal (do Eu). E, assim, ao investir amorosa e libidinalmente no líder/ideal, cria-se uma coesão grupal.

As massas giram em torno do líder, substituto do pai, a quem se submetem cegamente nos moldes da relação de amor entre hipnotizador-hipnotizado. Contudo, enquanto na hipnose haveria uma formação de massa a dois – com o hipnotizador no lugar do

Ideal do Eu –, na massa, o lugar do Ideal seria ocupado pelo líder. E a coesão da massa ocorre por meio desses processos identificatórios e libidinais dentre os quais a identificação com o líder que ocupa o lugar de Ideal (do Eu) entre os membros do grupo. É pelo amor a esse líder com quem se identificam que os membros da massa apagam suas singularidades, suas diferenças, dando origem à homogenia grupal: todos estão unidos em torno do líder. E o líder surge na esteira do pai totêmico, símbolo da autoridade e de um lugar de exceção, cujo poder está no âmago da construção do estrato comum da sociedade.

Na teorização freudiana, o pai mítico é a figura toda poderosa que é assassinada deixando marcas na horda primitiva, e a partir de então se organiza em uma comunidade fraternal. Assim, Freud elabora uma reatualização do lugar do homem poderoso – exceção no meio dos irmãos iludidos de serem amados pelo líder onipotente, que no fundo só ama a si mesmo. Na horda primitiva, os membros se sentiam perseguidos pelo chefe, e se uniam no temor ao pai totêmico. De todo modo, o que se expressa é a sede de submissão: “o líder da massa continua sendo o temido pai primevo, a massa continua querendo ser dominada por um poder irrestrito; em grau extremo, ela é ávida por autoridade” (Freud, 1921/2020, p. 206). Na massa, o indivíduo renuncia a seu Ideal do Eu e o substitui pelo Ideal coletivo, personificado no líder/ideal. Assim, o líder expressa características que os membros do grupo possuem, mas que se manifestam no líder revestido de poder, com uma ilusão de força e de vigor superiores. Dessa maneira, o indivíduo espelha naquele líder onipotente o que sempre desejou ser. É assim que cada vez mais se revela que o liderado (a massa) se satisfaz na violência, no autoritarismo, no poder do líder.

O fascismo na massa: uma breve introdução às contribuições de Adorno

Na Seção “A psicologia freudiana das massas”, abordei como a organização das massas em torno do líder é um dos pilares da psicologia das massas freudiana. Agora, a chave de leitura em torno da submissão ao líder será retomada e reelaborada por outras vertentes de investigação da psicologia das massas, notadamente aquelas que se dedicaram a investigar o fascismo e outros movimentos totalitários. É nesse cenário que ganharam destaque os estudos acerca do autoritarismo tendo como elemento central o poder do líder, tema que será aprofundado pela Escola de Frankfurt (Penna, 2014).

O que faz com que os homens se submetam cegamente aos líderes e quais as condições sociais envolvidas nessa modalidade de submissão à autoridade? Há o esboço de algumas respostas a essas questões na elaboração freudiana, mas esse eixo de análise será adensado ao se tornar um dos temas centrais investigados pelos frankfurtianos. Além de buscar compreender os fatores inconscientes, procurava-se levar em conta outras dimensões, com destaque para as especificidades das condições históricas, econômicas e sociais como indispensáveis para compreender a psicologia das massas.

Impactado pela pertinência da teoria freudiana das massas para pensar toda a dinâmica fascista, guerras mundiais, nazismo e Hitler, Adorno avança essa discussão quando redige, em 1951, “A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”.³ Já na introdução do texto, Adorno realça que as estratégias de marketing (na época realizadas por meio de panfletos) recorriam a cálculos psicológicos para promover uma disposição à violência de parte da população. Não se declaravam objetivos extremistas, mas se

³ O original foi publicado em *Psychoanalysis and the Social Sciences*.

criava um clima sugestível e agressivo, promovendo uma atitude antidemocrática. O ódio era disseminado a partir de estratégias sistematizadas, seguindo a tese de que não se conquista/se-
duz a massa por meio de argumentos racionais, mas pela retórica reduzida, simples e repetitiva. O que é mobilizado na massa é o psicológico, notadamente “processos irracionais, inconscientes e regressivos” (Adorno, 1951/2018).

Além de acentuar que em Freud a massa não é vista com o desprezo que havia em Le Bon, a leitura adorniana retrata como o *Psicologia das massas e análise do Eu* freudiano antecipa todo o totalitarismo alemão. Adorno revelou a perspicácia de Freud em detectar a disponibilidade para se submeter ao poder do líder, retomando os passos freudianos em sua investigação de como indivíduos modernos, liberais, independentes, que viviam em uma sociedade individualista, competitiva, mudavam de postura, entregando-se àqueles discursos irracionais. Ou seja, ele reitera a indagação freudiana: “o que transforma as massas em massas?” (Adorno, 1951/2018); ou ainda, o que une a massa?

Nesse sentido, Adorno (1951/2018) sublinha como “o demagogo fascista, que tem de obter o apoio de milhões de pessoas para objetivos altamente incompatíveis com seu próprio auto-interesse racional” estará o tempo todo caçando os pontos em que pode manipular os indivíduos e criar massa para poder melhor conduzi-los coletivamente para os objetivos fascistas. Desse modo, é retratado o percurso pelo qual Freud identificou que as condições em que o homem formava massa favoreciam que ele expressasse impulsos inconscientes, usualmente reprimidos, e que havia uma satisfação nessa entrega de si à massa e um prazer obtido no vínculo libidinal estabelecido com os demais integrantes.

O vínculo amoroso entre os membros da massa permanece inconsciente: o líder com perfil fascista, como Hitler, não menciona esse laço de amor e, além disso, encarna uma autoridade ameaçadora. Mas é esse vínculo libidinal, esse amor não explicitado, que seria utilizado pela mente fascista, sendo moldado para virar obediência. Dessa forma, toda a pedagogia fascista se direciona a favorecer o estado infantil da criança que obedece aos pais, a fim de melhor manipular as massas. Nesse estado regressivo, o líder do grupo atualiza o pai da horda primitiva ao qual todos se submetem por temor, e também pelo desejo de ser governado com força, pela admiração ao poder absoluto que essa figura paterna de exceção, onipotente, expressa.

A massa se forma movida pelo vínculo libidinal de amor e pela sede de se submeter ao outro, a obedecer ao líder (ideal do grupo). É isso que leva a massa a se deixar manipular à vontade pelo outro, mesmo quando vai contra tudo o que acredita racionalmente. Assim, o que impulsiona alguém a se submeter a um líder (especialmente o fascista) é o quanto esse líder representa para o sujeito “a ampliação da própria personalidade . . . uma projeção coletiva de si” (Adorno, 1951/2018). Desse modo, ao se identificar àquele líder vociferante, onipotente, que “como um ato de *devorar*, de tornar o objeto amado parte de si mesmo” (Adorno, 1951/2018, grifo do original), o sujeito se satisfaz em massa e goza por meio do líder.

Retomando a conceituação freudiana do narcisismo, Adorno argumenta que, na adoração do líder, o sujeito busca nesse ideal a satisfação da qual se sentia privado, e obtida narcisicamente a partir da identificação com esse ideal – no caso, representado pelo líder fascista. Todos os seguidores amam o líder coletivamente e transferem para ele parte da sua libido narcísica, que será gratificada pelas realizações todo-poderosas do líder, realizações que seus

seguidores nunca se permitiram satisfazer na vida cotidiana regrada pela racionalidade e pela contenção da expressão instintiva.

A imagem do líder narcisista poderoso se fortalece por meio da projeção de características do pai primitivo ameaçador. Nesse ponto, Adorno destaca quanto o pai primitivo da horda se aproxima da figura de Hitler (o que é extensível a outros líderes fascistas). Todavia, “mostrando-se como um super-homem, o líder deve ao mesmo tempo realizar o milagre de aparecer como uma pessoa comum, da mesma maneira como Hitler se apresentou como uma mistura de King Kong e barbeiro de subúrbio” (Adorno, 1951/2018). Nesse sentido, Adorno sublinha a perspicácia de Freud ao notar que esse traço de homem comum era importante para satisfazer a parte libidinal do súdito que não foi investida no líder – eu sou como meu líder, ele é alguém simples e comum como eu:

mesmo os impressionantes sintomas de inferioridade do líder fascista, sua semelhança com atores canastrões e psicopatas insociais são assim antecipados por Freud A imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor de se submeter à autoridade e de ser ele próprio a autoridade”. (Adorno, 1951/2018)

Adorno (1951/2018) retoma a tendência sadomasoquista observada por Freud nas massas, ilustrada pela fórmula de Hitler:

responsabilidade para com os de cima, autoridade para com os de baixo A tendência a pisar nos de baixo, que se manifesta tão desastrosamente na perseguição a minorias fracas e desamparadas, é tão franca quanto o ódio contra os de fora. Na prática, ambas as tendências frequentemente ocorrem juntas. A teoria

de Freud joga luz sobre a distinção disseminada e rígida entre o amado in-group e o rejeitado out-group. (grifos do original)

Na tendência da massa em desembocar em afetos e crenças extremos, toma-se atitudes que são contrárias ao que seus membros pensam racionalmente. E, assim, o progresso da civilização não desemboca na tolerância ao diferente e na redução da violência contra quem não pertence ao grupo. Freud já problematizara o motivo pelo qual as pessoas amam o que é semelhante a elas e odeiam o que é diferente. Essa lógica também justifica a virulência com que as massas fascistas são tão dogmáticas: no fundo aqueles mesmos membros fanáticos sabem inconscientemente que é tudo uma ilusão e que amam acima de tudo a performance (fictícia) do líder. E essa mesma lógica de funcionamento se encontra nas religiões, amando seus membros e dirigindo o ódio para os que não têm a mesma fé e não são membros daquele grupo. Nesse âmbito, há uma tese de Adorno que gostaria de destacar: se aparentemente parece haver menos intolerância religiosa, não é pelo fato de as pessoas terem se tornado mais tolerantes à diferença, mas pela fé religiosa ter se enfraquecido. E, assim, ele sugere que outras crenças que surjam e em torno das quais se estabeleçam fortes laços grupais – semelhantes ao padrão que ocorria em relação à religião – demonstrarão a mesma intolerância em relação aos de fora, o mesmo impulso destrutivo para eliminar os estrangeiros ao grupo. Há uma estrutura divisória que se reproduz entre os de dentro e os de fora; e, mais ainda, entre os crentes e os não crentes. Nesse contexto, Adorno assinala como podem emergir grupos unidos em torno do ódio dirigido aos outros. Para pensar esse ódio dirigido contra o diferente, o autor assinala que é o amor-próprio (narcisismo) que impulsiona o ataque ao divergente, ao estrangeiro. E a propaganda

fascista⁴ reforça essa tendência narcísica de amar a si mesmo, de modo que aqueles que participam do grupo se sentem superiores aos outros, e uma crítica ao líder é vivida como uma perda narcísica e pode dar origem à fúria. O líder não é, no fundo, diferente dos membros do grupo, e por isso ele tem facilidade em manejar os desejos latentes deles, expressando sem inibições os desejos latentes da massa, sendo frequente a tática fascista de projetar nos outros, supostos prazeres proibidos, interdições transgredidas. As pequenas diferenças em relação aos outros grupos são potencializadas, em contrapartida, a intolerância na relação interna entre membros da massa desaparece; assim todos agem como se fossem iguais, uniformes (a coesão coletiva se solidifica, projetando os ciúmes e a hostilidade nos diferentes).

Todavia, a perspectiva adorniana é a de que nem Le Bon nem Freud enfocaram as diferenças do fascismo em relação às outras massas, pois embora o que esteja em jogo seja a mobilização do campo irracional, inconsciente, dos processos regressivos, há especificidades dos “movimentos de massa ultrarreacionários [que] usam a ‘psicologia das massas’ num grau muito maior do que movimentos que mostram mais fé nas massas”. Ou seja, que movimentos como o fascismo usam de todo esse saber sobre a psicologia das massas para melhor manipulá-las ativamente. Que não se preocupam em recorrer a argumentações racionais, investindo sobretudo nos aspectos irracionais e da sua manipulação por meio de estratégias como a retórica. Nesse âmbito, falas que podem parecer bobagens ditas por um líder populista são oriundas de “técnicas racionalmente calculadas” e podem ser extremamente eficazes para mobilizar a “economia pulsional” pela “manipulação do

⁴ Nessa passagem, Adorno aproxima a estratégia de propaganda fascista a outras estratégias de marketing na área de negócios: o que valia era o que seduzia a massa, o que a estimulava a se identificar com o discurso fascista.

inconsciente”. Assim, “a psicologia das massas foi controlada por seus líderes e transformada em meio para sua dominação” (Adorno, 1951/2018). Apropriando-se da massa, os opressores se utilizam da psicologia coletiva para melhor dominá-la, o que ficará mais evidente nos líderes autoritários fascistas e nazistas.

De modo a apresentar mais algumas contribuições adornianas⁵ pertinentes ao tema, gostaria de mencionar os traços que caracterizam a personalidade autoritária: “convencionalismo, submissão à autoridade, agressividade, anti-intelectualismo, antissentimentalismo, superstição e estereotipia, preocupação com poder e força, destrutividade e cinismo, projeção e preocupação exagerada com sexo” (Dunker, 2015, p. 31). Outros aspectos se referem mais especificamente à retórica e às técnicas discursivas autoritárias:

o pequeno grande homem, a promessa indeterminada, a sobriedade cínica associada à “intoxicação psicológica”, a apresentação estilizada, a economia da gratidão, o rebaixamento calculado de inibições, a imitação de sentimentos, a revelação e abandono temporário às emoções, o truque do testemunho, assim como o reforço imaginário de “nós” e da comunidade contra os inimigos fabricados. (Dunker, 2015, p. 36)

De acordo com Adorno (2015, p. 188), o que se notaria seria uma “performance” de massa, que mais do que (se) identificar, performa. E, mais do que tudo, coloca em ato o desejo de se submeter ao outro. Por se tratar de uma massa em uma época de “átomos sociais”, as pessoas se mobilizam, mas no fundo elas sabem que aquilo é uma ficção, que o inimigo maquiavélico, construído na

⁵ Adorno, 2015.

retórica fascista, não existe. E é para se proteger da perda dessa ilusão que os homens se juntam em “multidões fascistas tão impiedosas e inalcançáveis”.

Sob essa perspectiva, o que estaria em jogo, no caso do líder fascista, seria uma manipulação deliberada, consciente, pautada em uma “sobriedade cínica” (Adorno, 2015, p. 401). No entanto, o autor não restringe esse cinismo ao líder, mas o estende ao manipulado. Isso faz com que Adorno questione a ideia de uma passividade total nessa submissão, e destaque o desejo daquele que se submete ao líder fascista e que faz as maiores atrocidades em nome do fascismo. Não obstante, o líder fascista manipula o que já havia em cada um de seus seguidores individual; é assim que ele não faz nada, além de fermentar todo o potencial autoritário e fascista que já existia em todos. Em outras palavras, o líder autoritário coloca em cena sem inibição aquilo que a massa se interditava fazer e dizer; agora declarado, “a imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo a autoridade” (Adorno, 2015, p. 172).

O líder e os responsáveis por disseminar o ponto de vista fascista fazem um direcionamento personalizado, adotam uma postura como se estivessem abrindo suas intimidades. Assim, o líder atua como se compartilhasse fragilidades ou cotidianidades com seus ouvintes. Essa abordagem é privilegiada em detrimento de argumentos ou proposições de ordem mais racional. Desse modo, o líder performa a imagem de homem comum – pequeno homem – e de líder –, herói. Mostra-se como igual aos outros, com os mesmos problemas, ao mesmo tempo que oferece a performance de que juntos todos podem obter um destino glorioso. Por meio do discurso de renascimento (da pátria, dos valores tradicionais), reitera-se a imagem de invencível do líder fascista. Aliás, Adorno (2015) menciona que os líderes com personalidade autoritária

gostam de “se vangloriar de terem sido heróis atléticos em sua juventude” (p. 145).

Há o reforço de uma lógica dicotômica de nós/eles, amigos/inimigos, para a qual se recorre a estratégias como difamação e o uso de denúncias das mais infundadas, muitas das quais não passam de insinuação. Predomina um repertório reduzido, repetitivo, simplificado, com traços ritualísticos, pois não se quer convencer pelos argumentos, mas pela manipulação emocional. A imagem do líder se fortalece, reatualizando aquela do pai de horda onipotente e ameaçador, evocando e reanimando o desejo da massa de se submeter à autoridade. Assim, os seguidores formarão a massa ancorados não em uma pauta, em um argumento racional, mas alicerçados na identificação com o brutal pai narcísico arcaico. E, desse modo, quando o líder poderoso se torna o ideal do sujeito, seus seguidores também se engrandecem.

No entanto, por trás da imagem gloriosa do fascista, há destruição e morte, pois, ao ter a “destrutividade como fundamento psicológico do espírito fascista” (Adorno, 2015, p. 152), o líder fascista conduz a massa tanto para o aniquilamento do suposto inimigo quanto para sua autodestruição. Nesse cenário, o líder e seus apoiadores buscam criar uma “atmosfera de agressividade emocional e irracional” (Adorno, 2015, p. 154) propensa à violência, ao “*pogrom*”. A massa fascista se fortalece a partir da ação deliberada de incitadores de ódio, que, mais do que uma causa específica, buscam criar esse clima de revolta, de agressividade, de massa. Esse ódio é dirigido ao que Freud designou *out-group*. Aqui, Adorno enfatiza como o progresso da civilização não se mostrou capaz de produzir automaticamente uma diminuição dessa violência e intolerância. Aliás, o autor salienta quão frequentes se tornaram as manifestações de violência e destruição não somente contra quem está fora da massa, mas também contra

aqueles da própria massa que estão embaixo, muitas vezes minorias desamparadas: ao se unir contra o inimigo, o coletivo se edifica, tendo como solo comum a pulsão de destrutividade.

Em um texto clássico, Umberto Eco (2019) propõe o fascismo como uma forma de totalitarismo que não tem a mesma coesão ideológica que outras modalidades totalitárias, como é o caso do nazismo. Para ele, “O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições” (p. 32). Mais do que uma filosofia fascista, o que se faz relevante é uma retórica marcada pelo empobrecimento léxico, o uso de uma sintaxe elementar, evitando formas mais complexas de raciocínio. Eco elenca, então, alguns pilares do fascismo (que tem muitas semelhanças com a caracterização adorniana): “o *culto da tradição*” (2019, p. 44, grifo do autor) em detrimento dos valores racionais, sendo reiteradas as acusações contra liberais, revolucionários, modernos que abandonam os valores tradicionais; o estímulo à ação em detrimento da reflexão, muitas vezes desembocando em guerras e/ou atitudes bélicas incessantes, mobilizadas por visões deturpadas de quem é o outro/inimigo (sempre visto, ao mesmo tempo, como forte/fraco demais); a falta de permeabilidade às críticas (“o desacordo é traição”) (Eco, 2019, p. 49); a intensificação do medo da diferença, procurando excluir a diversidade, fortalecendo-se no movimento de eliminar os intrusos que pensam/são diferentes (o fascismo “é, portanto, racista por definição”) (Eco, 2019, p. 50); o fascismo se energiza da frustração de seus membros e, muitas vezes, se torna mais atrativo para as pessoas que vivenciam momentos de grande crise econômica, situações de humilhação social; e também atrai aqueles sem identidade social, que encontram no nacionalismo, no patriotismo uma forma de pertença, de reconhecimento, em grande parte constituída a partir do ataque aos inimigos, baseado em teorias da conspiração muitas vezes centradas na xenofobia contra o

estrangeiro ou contra aquele designado diferente dentro da própria nação; predomina um “elitismo popular” da massa, em que “todos os cidadãos pertencem ao melhor povo do mundo, os membros do partido são os melhores cidadãos” (Eco, 2019, p. 53); por outro lado, o líder fascista é aquele que sabe que governa pelo poder, pela força e se sustenta ao manter o povo no lugar dos fracos que precisam ser dominados pelo líder; o herói fascista tem fortes ligações com a morte (seja pelo culto da própria morte, como ser excepcional que tudo enfrenta e nada o atinge, seja pela posição de provocar a morte de todos os outros); é frequente o fascista menosprezar as mulheres, ser intolerante com todas as diversidades sexuais, compensando usualmente as suas dificuldades ao usar instrumentos bélicos como fálcos; o líder fascista ataca todos os representantes (inclusive parlamentares), colocando-se como a única voz do povo, podendo recorrer para isso a tecnologias, como a TV ou a internet.

Para concluir essa parte da discussão, gostaria de salientar quanto encontramos nesses teóricos a ênfase em uma manipulação deliberada das massas, torna-se nítido o risco de líderes que, cientes da psicodinâmica das massas, a utilizam para fins escusos. Nesse ecossistema complexo, a psicologia das massas se torna um entre outros elementos de um sistema mais amplo de dominação e opressão. Embora seja possível traçar um fio que une as diversas figuras fascistas/autoritárias ao longo da história – incluindo os atuais políticos com características fascistas –, autores como Adorno (2020) delimitam o fascismo às contingências históricas e a um certo estado do capitalismo. Nesse mesmo sentido, a psicologia das massas concebida por Adorno é ancorada sócio-historicamente. Todavia, penso que vários trechos apresentados nesta e nas outras seções acerca das psicologias das massas investigadas em outras épocas são extremamente pertinentes para compreendermos fenômenos atuais como o negacionismo e o bolsonarismo,

que no presente livro são abordados pelo eixo das fake news na pandemia. Essa discussão será retomada mais adiante nas seções em que abordo mais detalhadamente a psicologia das massas & multidões digitais, pois a seguir apresento mais algumas contribuições ao estudo dos fenômenos de massa.

Dogmatismo, fundamentalismo e fanatismo das massas: algumas contribuições de Lifton

Robert Jay Lifton dedicou grande parte da sua vida ao estudo dos processos psíquicos envolvidos em várias modalidades de totalitarismos, o que ele aproxima de toda uma gama de fanatismos e cultos. Foi a partir dessa bagagem clínica-teórica que Lifton se tornou um grande crítico de novos políticos autoritários como Trump, e foi nesse cenário que ele retoma seus estudos prévios para investigar como esse perfil de líder chega ao poder.

Quando Lifton (2018) pensa fenômenos contemporâneos como a emergência e o fortalecimento do trumpismo⁶ (ocorrência que tem tantas proximidades com o Bolsonaroismo), salienta que Trump não tem uma ideologia consistente (como observou no totalitarismo), mas cria uma narrativa consistente – a do salvador que fará os Estados Unidos grandioso novamente, que combaterá aqueles que desvirtuaram os valores do país. No entanto, mais do que fundar uma verdade alternativa, o que ocorreu foi a destruição da verdade, aproximando-se da pós-verdade. E, nesse sentido, ele enfatiza que, mesmo com a saída de Trump do poder, haveria algo do ataque à verdade e ao solo democrático comum que seria traumático e não facilmente apagado. É com o termo “fatiga da

⁶ Cf. artigo de Robert Jay Lifton: https://www.dissentmagazine.org/online_articles/assault-on-reality-robert-lifton-trump.

realidade” que ele nomeia o cansaço de todos os que se deparam com incontáveis desinformações que continuam circulando com força, a despeito de todos os argumentos e evidências que provam sua falsidade.

Nesse cenário, o autor alerta para o risco de uma “normalidade maligna” tomar lugar – lembrando que ele havia investigado os médicos nazistas que se habituaram a matar judeus, no lugar de salvar vidas. É nesse contexto que Lifton realça a importância das formas de resistência ao movimento destrutivo das bases da democracia. Uma das principais questões levantadas por Lifton (2018) é o que leva as pessoas a rejeitar uma realidade fatural sem serem psicóticas, sem apresentarem alucinações da realidade? Para responder a essa pergunta, ele enfatiza o papel central do líder na construção dessa narrativa negacionista, e de uma realidade moldada pelo seu ponto de vista. Apoiado nessa argumentação, Lifton aproxima cada vez mais o totalitarismo do fanatismo/cultismo centrado em um guru.

Em pesquisas anteriores, o autor chegou a entrevistar nazistas para investigar as razões que os levaram a endossar o nazismo. Tratando de uma dessas entrevistas, ele menciona um médico que havia se filiado ao partido logo após uma palestra em que um líder afirmava que o nazismo era nada mais do que uma missão de purificação da raça, que se tratava de uma purificação biológica, que deveria, para isso, eliminar os impuros (contaminados por questões éticas, raciais ou políticas). Nessa lógica de purificação, todos os seguidores deveriam se tornar “clones” (Lifton, 2018, p. 7) do líder/guru: aqueles que lutariam para evitar o desastre apocalíptico que foi construído em sua mitologia. Lifton assinala que, dentre os médicos nazistas que participaram de Auschwitz, não havia (predominantemente) extremistas. Estamos diante de uma burocratização, já teorizada por Hanna Arendt como a banalização do mal. É determinante o papel do líder (e

seus seguidores/influenciadores) na construção da realidade compartilhada: são essas vozes que solidificam certas narrativas – de que Deus existe, e de que não existe; que democracia é um valor desejável ou um péssimo sistema político; que é preciso um líder que guie a todos. No entanto, Lifton acrescenta que, além desse elemento de construção da realidade moldada por líderes e grupos (influenciadores), há dados da realidade imediata, que ele chama fatal, e que são contestados e enviesados nos totalitarismos, nos cultos, nos fanatismos.

Um dos pilares das investigações de Lifton é o estudo da manipulação psíquica de uma quantidade grande de pessoas, a tal ponto que essas pessoas não reconhecem mais que há algo de distorcido na percepção delas da realidade, ou não percebem o efeito de condicionamento, de formatação vindo de fora – do guru, da ideologia, do líder. Ao constatar esse efeito massivo, extensivo, Lifton comenta sua sensação de que o mundo parece ter enlouquecido. Mas, mais do que pensar em termos de uma psicopatologia, de traços distorcidos na personalidade do seguidor, o autor teoriza que esse cenário expressa a versão mais extrema de uma tendência humana presente em todos nós.

Por vezes usa-se *brainwashing* para caracterizar fenômenos sociais massivos, como a reforma de pensamento imposta pelo Partido Comunista Chinês, mas Lifton critica a ideia de que haja algo mágico nesse processo. Do seu ponto de vista, seriam, sim, estratégias eficazes e deliberadas de manipulação psicológica das massas: a busca para obter o controle da mente dos seguidores, de transformá-los em influenciados, submetidos à ideologia dominante. E, embora, em maior escala, isso não é distinto do que ocorreu em outras formas de imposição de dogma, como inquisições e conversões religiosas massivas ao longo da história; o que Lifton salienta como ponto diferencial do totalitarismo é um uso mais metódico, que recorre a técnicas psicológicas aplicadas de modo organizado.

Lifton comenta que pode haver estratégias usadas com violência em uma prisão, mas que há modalidades mais insidiosas, por exemplo, moldar o valor de uma nova ética, de um novo cidadão, em uma narrativa que começa a ser incorporada, as pessoas introjetam essa narrativa como a sua mitologia, como seus valores etc. E assim se molda uma mente coletiva, formatada de acordo com a narrativa totalitária, afetando a forma de se pensar, de ver a realidade, de sentir (as paixões).

É interessante como na abordagem liftoniana há uma expansão da concepção da transformação psíquica, somos desafiados a pensar transformações psíquicas feitas por coerção, por manipulação, que se utilizam do conhecimento do funcionamento psicológico. Em cenários nos quais não se busca uma emancipação, mas reitera e intensifica uma tendência à servidão voluntária, há um uso metódico do desejo de submissão, de ser dominado por uma autoridade, que remete ao modelo infantil de submissão aos pais e seus representantes. E em situações sociais mais instáveis, há uma maior permeabilidade à retomada da posição infantil.

Não obstante, tanto no totalitarismo quanto no cultismo/fanatismo, há momentos em que ressurgem expressões de dissonância, de pessoas/grupos que expressam não concordar inteiramente com aquela ideologia, discordando da forma como algo é conduzido. Em relação aos cultos, o autor nomeia de segundo *self* a personalidade que existia antes da incorporação das crenças totalitárias, comenta que, muitas vezes, quando o culto era desfeito ou alguém saía dele, era usual a revelação de que o antigo *self* ainda estava lá. Assim, rapidamente, podia haver uma reversão para esse antigo *self* – frequentemente com conflitos em relação às ideologias que haviam sido adotadas pelo *self* formatado pelos cultos. No caso do médico nazista que, de maneira totalmente contrária aos valores de base da formação médica, dedicava-se a efetivar a morte nas câmaras de gás nos campos de concentração do modo mais

eficaz possível, ele pode retomar seu antigo *self* ao sair daquele contexto: um médico dedicado a salvar, e não a matar. Diante do fenômeno social de médicos que, no coletivo, cometiam atrocidades que individualmente nunca haviam cometido e muito provavelmente nunca fariam fora de contextos coletivos similares, Lifton comenta que os médicos nazistas não eram particularmente psicopatológicos, psicopatas, pessoas más ou sádicas, mas pessoas comuns que se identificavam com uma narrativa nazista. É assim que, em reação ao caos e à desmoralização pós Primeira Guerra Mundial, ganham força o nazismo, o líder Hitler e seus representantes. A despeito de alguns médicos alemães que resistiram e recusaram a se tornar assassinos na máquina nazista, na medicina como um todo, inseriram-se no sistema – deixaram-se conduzir por esse novo sistema moral, por essa narrativa em que a cura para a doença que acometia a raça ariana era o assassinato sistemático do povo judeu. Como sabemos, o assassinato em massa não se restringiu aos judeus e englobou todos os ditos “degenerados” – aqueles incondizentes com o padrão ideal da raça ariana, o que incluía pessoas com deficiência, igualmente mortos seguindo procedimentos médicos burocratizados.

Outra tese liftoniana é que a sedução por sistemas de certezas irrefutáveis – a despeito da prova da realidade – é especialmente atrativa diante dessas grandes crises culturais, de perda de coerência. E isso valeria tanto para a inclinação ao culto/fanatismo/fundamentalismo quanto ao totalitarismo. Nesses movimentos, argumenta o autor, há uma mistura de revolução, de proposta de mudança radical, com a volta de valores tradicionais, em especial, o retorno a modelos de estrutura de autoridade com destaque para padrões fascistas. É nesse ponto que Lifton articula a eleição de líderes políticos autoritários na atualidade, mencionando que, no caso de Trump, ele não era alguém que tinha adotado um sistema totalitário de pensamento, e que mostrava uma fluidez de crenças,

mas que sua posição de líder se assemelhava àquela relação estabelecida entre dominados/seguidores e seus líderes totalitários/gurus de seitas fanáticas. O trumpismo tem como pilar movimentos fanáticos como o QAnon – uma teoria da conspiração que reúne pessoas que acreditam cegamente em um cenário apocalíptico em que o salvador, Trump, os protegeria de um golpe de Estado orquestrado pelos Clinton, Obama e Soros, os quais estão ligados a uma rede de tráfico de prostituição infantil. Sem adentrar toda a análise que Lifton realizou de Trump e do trumpismo, me atenho a frisar a observação de como, a despeito de não ter convicções firmes como as encontradas tipicamente em líderes fascistas e populistas de outrora, Trump conseguiu construir uma narrativa em torno da ideia de fazer os Estados Unidos ser novamente grande, forte, capaz de se livrar das forças estrangeiras que abusaram dos americanos, enganaram e manipularam os verdadeiros valores estadunidenses. O lugar de Trump nessa narrativa é o do herói – o líder que devolverá o passado glorioso que havia sido prometido aos americanos – e, para sustentá-la, ele rompe sistematicamente com as noções do que é verdadeiro e do que é falso, tornando o conceito de verdade irrelevante.

Na lógica das massas analisada por Lifton, a base de apoio de Trump também funciona de maneira similar a um culto, pois o poder de líderes políticos depende de saber como manipular sua massa. Isso inclui ser o líder que oferece direcionamentos para uma massa que busca servir voluntária e cegamente seu líder, que quer direções, mesmo que dadas por fake news. E, nesse cenário, usar as redes sociais para solidificar sua narrativa e moldar sua versão da realidade para seus seguidores se mostra um elemento-chave para o fortalecimento dessas novas versões de totalitarismo e seus alicerces em novas formas de aglomerados sociais – eixo que será retomado e aprofundado nos capítulos seguintes.

A **psicanálise tem algo a dizer sobre** inteligência artificial, algoritmos, tecnologias e mídias digitais? Possui instrumentos conceituais para compreender os efeitos menos visíveis das novas tecnologias? Marina Bialer, neste seu impressionante novo livro, mostra que “enquanto pensarmos que os algoritmos são caixas pretas das quais nada queremos saber, ficaremos sujeitos a assistir passivos aos usos dos avanços tecnológicos para manipular todos nós”. A partir desse alerta, a autora torna atuais os achados de Freud de 1921, em *Psicologia das massas e análise do Eu*.

Psicologia das multidões digitais é um convite para participarmos da construção de um novo olhar para o campo das humanidades digitais.

Tornou-se urgente a construção de “uma escuta do nosso tempo, de uma condição pós-humana, e que retrate uma psicanálise engajada em seu tempo”. Um convite irresistível.

Nelson Coelho Jr.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2149-4

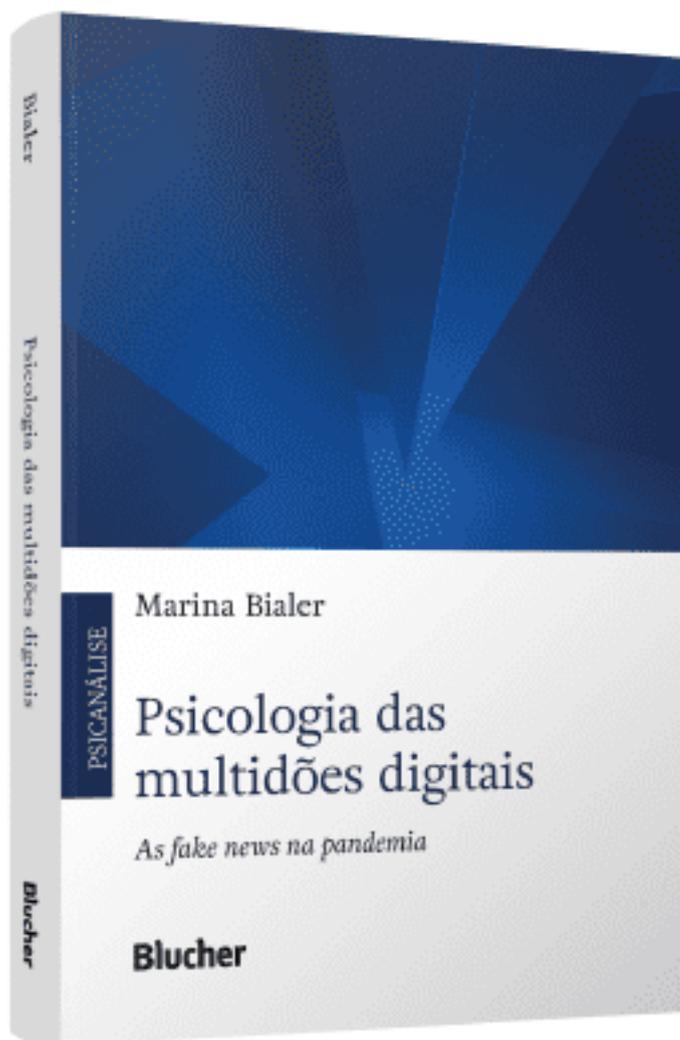


9 788521 221494



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Psicologia das multidões digitais

As fake news na pandemia

Marina Bialer

ISBN: 9788521221494

Páginas: 372

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
